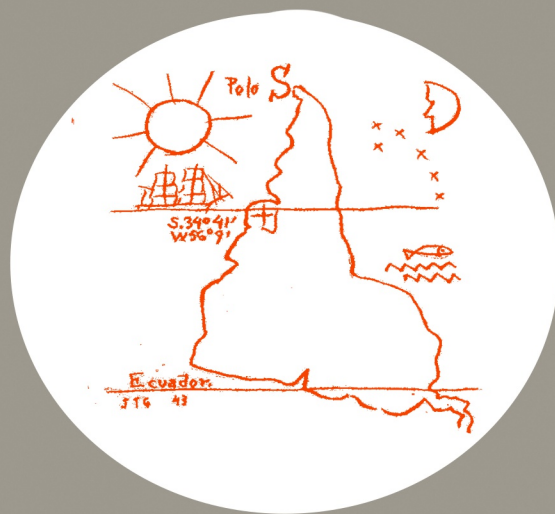


TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 7, N. 3, Set.-Dez. 2024
ISSN 2184-38052
Volume Especial

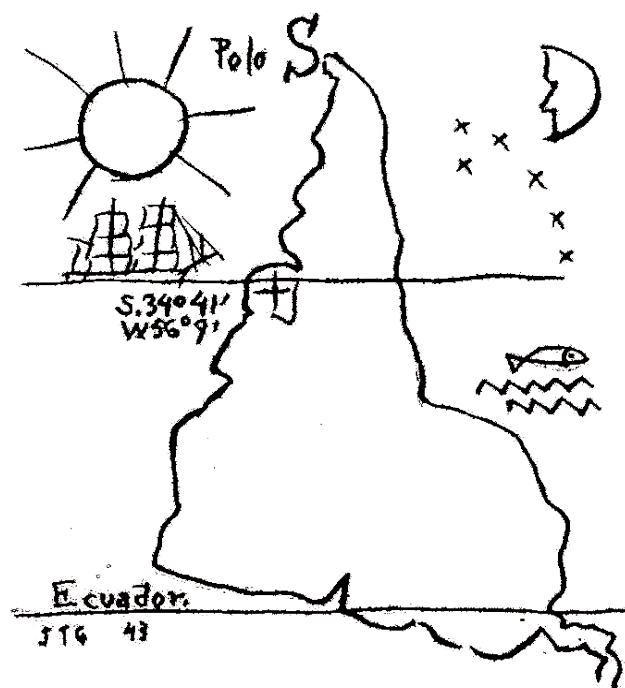
Debates entre Sociologia e História da Arte

América do Sul e Brasil em perspectiva



Organização

Maria Lúcia Bueno
Marcelo Ribeiro Vasconcelos
Sabrina Parracho Sant'Anna



DEBATES ENTRE SOCIOLOGIA E HISTÓRIA DA ARTE - AMÉRICA DO SUL E BRASIL EM PERSPECTIVA

DEBATES BETWEEN SOCIOLOGY AND ART HISTORY - SOUTH AMERICA AND BRAZIL IN PERSPECTIVE

DÉBATS ENTRE SOCIOLOGIE ET HISTOIRE DE L'ART - AMÉRIQUE DU SUD ET BRÉSIL EN PERSPECTIVE

DEBATES ENTRE SOCIOLOGÍA E HISTORIA DEL ARTE - AMÉRICA DEL SUR Y BRASIL EN PERSPECTIVA

Maria Lucia Bueno

Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, Programas de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora e de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Marcelo Ribeiro Vasconcelos

Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Sabrina Parracho Sant'Anna

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Brasil

Resumo: O Volume Especial *Debates entre sociologia e história da arte - América do Sul e Brasil em perspectiva* tem como objetivo principal uma reflexão sobre a América do Sul, considerando suas peculiaridades dentro dos debates entre a sociologia e a história da arte. Neste contexto, a arte se configura como um campo multidisciplinar, no qual o diálogo entre história e sociologia é inevitável. A história social da arte aponta não apenas a importância de compreender o passado para entender o presente, mas também permite perceber como a interpretação histórica é sempre redimensionada pelo olhar contemporâneo. Por sua vez, a ênfase sociológica nas relações sociais e em processos sistêmicos ampliados, permite renovar debates e constituir novas interpretações. As conexões entre os artistas e os movimentos no continente sul-americano ainda é uma trama a ser desvendada. Nesta tarefa nenhum desses campos de conhecimento, isoladamente, parece capaz de abranger a complexidade das questões culturais e artísticas da região.

Palavras-chave: sociologia da arte, história da arte, arte sul-americana, arte brasileira, museus e coleções.

Abstract: The special issue *Debates between sociology and art history - South America and Brazil in perspective* aims to think about South America, considering its peculiarities within the debates between sociology and art history. In this context, art is shown as a multidisciplinary field, in which the dialogue between History and Sociology is inevitable. The social history of art points out not only the importance of considering the past in order to understand the present, but also allows us to perceive how historical interpretation is always redimensioned by the contemporary gaze. In turn, the sociological emphasis on social relations and expanded systemic processes allows renewed debates and the constitution of new interpretations. The connections between artists and movements in the South American continent are still a plot to be unraveled. In this task, none of these fields of knowledge, in isolation, seems capable of encompassing the complexity of the cultural and artistic debates of the region.

Keywords: sociology of art, history of art, South American art, Brazilian art, museums and collections.

Résumé: Le numéro spécial *Débats entre sociologie et histoire de l'art - Amérique du Sud et Brésil en perspective* a pour objectif principal une réflexion sur l'Amérique du Sud, en considérant ses particularités au sein des débats entre sociologie et histoire de l'art. Dans ce contexte, l'art se configure comme un domaine multidisciplinaire, dans lequel le dialogue entre Histoire et Sociologie est inévitable. L'histoire sociale de l'art souligne non seulement l'importance de regarder le passé pour comprendre le présent, mais permet également de comprendre comment l'interprétation historique est toujours redéfinie par une perspective contemporaine. À son tour, l'accent sociologique mis sur les relations sociales et les processus systémiques élargis permet de renouveler les débats et de créer des nouvelles interprétations. Les liens entre artistes et mouvements sur le continent sud-américain restent encore une question à élucider. Dans cette tâche, aucun de ces domaines de connaissance, pris isolément, ne semble capable de couvrir la complexité des problématiques culturelles et artistiques de la région.

Mots-clés: sociologie de l'art, histoire de l'art, l'art sud-américain, l'art brésilien, musées et collection.

Resumen: El número especial *Debates entre sociología e historia del arte - América del Sur y Brasil en perspectiva* tiene como objetivo pensar la América del Sur, considerando sus peculiaridades dentro de los debates entre sociología e historia del arte. En este contexto, el arte se muestra como un campo multidisciplinar, en el que el diálogo entre Historia y Sociología es inevitable. La historia social del arte señala no sólo la importancia de considerar el pasado para comprender el presente, sino que también permite percibir cómo la interpretación histórica es siempre redimensionada por la mirada contemporánea. A su vez, el énfasis sociológico en las relaciones sociales y los procesos sistémicos ampliados permite debates renovados y la constitución de nuevas interpretaciones. Las conexiones entre artistas y movimientos en el continente sudamericano son aún una trama por desentrañar. En esta tarea, ninguno de estos campos del conocimiento, de forma aislada, parece capaz de abarcar la complejidad de los debates culturales y artísticos de la región.

Palabras clave: sociología del arte, historia del arte, arte sudamericano, arte brasileño, museos y colecciones

O presente Volume Especial reúne um primeiro conjunto de trabalhos que foram apresentados no congresso *Debates entre sociologia e história da arte - América do Sul em perspectiva*, realizado nos dias 6 e 7 de junho de 2024 no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) em Juiz de Fora, Brasil. O evento teve como objetivo principal uma reflexão sobre a América do Sul, considerando suas peculiaridades dentro dos debates entre Sociologia e História da Arte. Neste contexto, a arte se configura como um campo multidisciplinar, no qual o diálogo entre História e Sociologia é inevitável. A história social da arte aponta não apenas a importância de compreender o passado para entender o presente, mas também permite perceber como a interpretação histórica é sempre redimensionada pelo olhar contemporâneo. Por sua vez, a ênfase sociológica nas relações sociais e em processos sistêmicos ampliados, permite renovar debates e constituir novas interpretações. As conexões entre os artistas e os movimentos no continente sul-americano ainda é uma trama a ser desvendada. Nesta tarefa nenhum desses campos de conhecimento, isoladamente, parece capaz de abranger a complexidade das questões culturais e artísticas da região

Os seis trabalhos publicados nesta primeira edição do Volume Especial expressam essa articulação entre a história e a sociologia da arte, trazendo autores dos dois campos e trabalhos que dialogam entre eles. O Volume Especial encontra-se dividido em duas partes. Nesta primeira seção, os autores são todos brasileiros. Na segunda, contaremos também com pesquisadores chilenos e argentinos. A ideia central do evento, e do Volume Especial, foi construir uma interlocução entre os diversos grupos de pesquisa sobre o campo das artes na América do Sul, retirando-os de um isolamento acadêmico e aproximando-os para o desenvolvimento de um trabalho coletivo. Assim, buscamos promover um diálogo não apenas entre os pesquisadores da região, mas também com aqueles de fora desse espaço territorial que estão refletindo sobre questões similares.

A opção pela delimitação da América do Sul enquanto tema se deu sobretudo por uma opção metodológica e não por opção política ou identitária. Não nos interessa adotar uma abordagem que trate a América do Sul como uma identidade homogênea, mas sim explorar as possíveis interlocuções existentes entre os diferentes espaços que constituem a América do Sul enquanto um espaço social e geográfico, sem a imposição de uma unidade aparente. A história da arte, embora tenha um caráter mundial, ocorre em circunstâncias e territórios específicos, com interlocuções em diferentes escalas. Assim, é crucial compreender como essa história se desenrolou em cada contexto, revelando as maneiras pelas quais o local se articula em escala continental ou global e vice-versa.

Um exemplo é o da obra dos artistas concretistas, que se desenvolveu entre territórios distintos e descontínuos, relacionados com diferentes países - tais como Brasil, Uruguai, Argentina, Venezuela, entre outros (Garcia, 2011; Araújo & Sant'Anna, 2023) - e até continentes. Ainda pensando a partir do caso concretista, os deslocamentos transnacionais dos indivíduos constituíram a história da arte na América do Sul para os grandes centros do mundo da arte. O caso de Mário Pedrosa e de sua vivência entre as vanguardas surrealistas nos anos 1930 e os críticos modernistas de Nova Iorque nos anos 1940 ilustram como tais circulações ajudaram a moldar o projeto concretista por ele idealizado (Ribeiro Vasconcelos, 2018). Pesquisas comparativas sobre os movimentos construtivos em diferentes experiências nacionais demonstram conexões e afastamentos, chamando a atenção para a construção de relações transacionais, mas também de interpretações ancoradas em círculos de relações localmente situados.

Assim, reiteramos que a delimitação geográfica não visa construir ou reforçar uma identidade única entre a arte e os artistas sul americanos. Retomando as posições de João Feres Jr. (2023) sobre a construção da ideia de América Latina, entendemos as dinâmicas identitárias como processos complexos, muitas vezes orientados por vetores e forças externas, que tendem a operar como uma sinédoque, agrupando realidades e processos históricos profundamente díspares sob uma mesma identidade, criando uma simplificação reducionista. Tais visões tendem a favorecer, no campo da arte, o entendimento da América do Sul não enquanto um tema ou uma identidade, mas sim como uma entidade geopolítica ou um nicho de mercado a ser explorado (Bueno, 2020), estratégias das quais não pretendemos participar.

Não negamos que a dimensão identitária do termo “América do Sul” possa trazer em si uma preocupação política, em que a experiência sul-americana seria unificada em torno de uma condição de exploração e exclusão, como já salientado pelos teóricos da dependência e mais recentemente pela sociologia pós-colonial, pela Teoria do Sul, e pela sociologia decolonial (Connell et al., 2017). Sem dúvida, é necessário discutir a exclusão dos artistas e da arte da América do Sul de uma história da arte global. Contudo, se tal situação pode e precisa ser compreendida dentro de um processo mais amplo, que abrange aquilo que tem sido chamado – também de forma controversa - de “sul global”, nunca é ocioso lembrar que processos transacionais dependem de um enraizamento nas situações concretas, nas relações de co-presença e processos de socialização localizados. Dito de outro modo, se Renato Ortiz já mostrou que repertórios globais ganham novas interpretações quando ressignificados localmente (Ortiz, 1994), Canclini chamou a atenção para processos de hibridização (Canclini, 1998) e Huyssen atentou para as geografias alternativas do modernismo (Huyssen, 2014), vale refletir sobre o modo como pesquisas recentes vêm rediscutindo experiências locais inscritas em redes de relações mundializadas.

Com efeito, a recente curadoria de Adriano Pedrosa na Bienal de Veneza (2024) buscou, de maneira inovadora e, em certa medida, utópica, incluir essas questões. No entanto, tanto a crítica quanto as curadorias contemporâneas, frequentemente apresentam abordagens de curto alcance, com reflexões mais imediatas. Nesse sentido, este Volume Especial pretende ensejar perspectivas comparativas que permitam desvendar continuidades, mas também diferenças. Ou, como feito em outras ocasiões, os artigos deste Volume Especial também buscam “desvendar os mecanismos correntes no processo de mundialização da cultura, suas articulações locais e globais, considerando as configurações específicas que assumem em diferentes contextos nacionais, em função de repertórios culturais diferenciados e histórias particulares” (Bueno, 2021: 14).

Os artigos publicados nesta primeira parte do Volume Especial *Debates entre sociologia e história da arte - América do Sul e Brasil em perspectiva* têm como pano de fundo os contextos artísticos do Brasil em diferentes momentos históricos. Mais especificamente, veremos nos trabalhos instituições, artistas e coleções localizados na região sudeste do Brasil, onde estão situadas as principais instituições artísticas brasileiras, demonstrando também no sistema da arte as desigualdades do país. O primeiro bloco de escritos traz artigos que refletem, separadamente, a partir de três coleções de arte pertencentes a diferentes museus, localizados nas cidades de São Paulo e Juiz de Fora. Tais coleções, todas muito singulares, foram produtos de uma nova configuração institucional que se iniciou no Brasil no decorrer do século XX e que tiveram, em muitos casos, os museus americanos como inspiração (Sant’Anna, 2011).

Em "Coleções da Viscondessa de Cavalcanti", Maraliz Christo faz um levantamento das coleções organizadas por Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque, conhecida como Viscondessa de Cavalcanti (1853-1946) a partir de 1888, atualmente preservadas no acervo do Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora. O foco central do artigo é um leque contendo 68 autógrafos de figuras célebres, incluindo escritores, artistas, músicos, atores, cientistas, exploradores e políticos do final do século XIX e início do século XX. Dentre esses autógrafos, coligidos no leque entre os anos de 1890 e 1945, destacam-se personalidades notáveis como Léon Bonnat e a Princesa Isabel. O artigo compara essa coleção com outras do gênero, como o leque da princesa Mathilde, que ficou mais restrito à nobreza da corte. Já a coleção da viscondessa de Cavalcanti se distingue por sua abrangência, indo além da aristocracia e incluindo uma variedade de atores sociais, refletindo as profundas mudanças que o Brasil experimentava durante a transição para o regime republicano. A presença de autógrafos de exploradores e administradores coloniais, por exemplo, sugere um Brasil conectado tanto com a herança imperial quanto com as transformações políticas e sociais em curso. Além disso, o artigo também sublinha a relevância de coleções imperiais, como as expostas no Museu Mariano Procópio¹⁾. É importante notar que muitas das coleções que constituem o museu foram reunidas já no período republicano, a partir do esforço de colecionadores privados que obtiveram esses itens num momento de desvalorização dos objetos e da memória ligadas ao Império brasileiro. A análise dessas coleções revela não apenas os gostos e interesses da elite brasileira, mas também suas redes de relações e intercâmbios com o cenário internacional da época.

A seguir, Maria Izabel Branco Ribeiro apresenta um estudo realizado sobre a coleção de Theon Spanudis, psicanalista, poeta e crítico de arte grego que chegou a São Paulo em 1950 e, a partir de então, começou a colecionar arte brasileira. Branco Ribeiro enfatiza em sua análise os caminhos da coleção Spanudis, de sua formação até a entrada no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP). Em 1979, Spanudis doou ao MAC-USP 453 obras de 35 artistas renomados, como Volpi, Sacilotto, Mira Schendel, José Antônio da Silva, Lore Koch e Rubem Valentim. É importante ressaltar que a retomada da história da coleção Spanudis também é um caminho para traçar meandros da própria história do MAC-USP, criado em 1963 a partir das coleções particulares de Ciccilo Matarazzo e Yolanda Penteado²⁾. Conforme afirmado pela autora, a coleção foi iniciada por Spanudis depois que chegou no Brasil, sendo que o psicanalista não colecionava enquanto viveu na Europa. Theon Spanudis acreditava na impossibilidade de conciliar a prática da psicanálise com a escrita. Colecionar arte foi seu consolo pelo silêncio do poeta, sendo um "coleccionador-

¹⁾ O Museu Mariano Procópio está localizado em Juiz de Fora, Minas Gerais, a uma distância de aproximadamente 185 km do Rio de Janeiro. A atual sede foi originalmente a residência da família Ferreira Lage, construída para receber o imperador Dom Pedro II. Aberto para visitação pública desde 1921, possui um acervo de aproximadamente 53 mil peças. Seu acervo inclui móveis, indumentárias, obras de arte do Império Brasileiro e coleções pessoais de Dom Pedro II, como uma importante coleção de fotografias do século XIX, além de uma biblioteca que reúne, entre outros, cartas e catálogos de exposições da época. O complexo do museu é composto por duas edificações: o Museu-Casa, com um jardim tropical projetado pelo paisagista francês Auguste François Marie Glaziou, que também desenhou os jardins da Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro; e uma galeria de Belas-Artes planejada por Rodolpho Bernardelli, então diretor da Escola Nacional de Belas Artes.

²⁾ MAC-USP foi fundado pela Universidade de São Paulo para receber o acervo do antigo Museu de Arte de São Paulo (MAM-SP) e a coleção particular do casal Matarazzo. A doação de tais coleções particulares à USP, uma instituição pública, está relacionada à extinção do MAM-SP por decisão de C. Matarazzo em razão de sua ruptura com o conselho administrativo do museu, do qual foi o principal fundador.

apaixonado" que buscava possuir o máximo possível de obras dos pintores que admirava. Um dos primeiros colecionadores dos artistas concretistas, Spanudis seguia critérios pessoais para formar sua coleção, valorizando a arte em diversas tendências, desde que correspondessem aos seus próprios parâmetros do que seriam "verdades da arte". Seu conceito de construtivismo, profundamente enraizado em sua visão da arte, via na herança cultural da América do Sul, inclusive no barroco colonial, um ponto de partida para o desenvolvimento de uma estética singular. Essa estética, segundo ele, proporcionava experiências estéticas intuitivas capazes de evocar uma "religiosidade sem ritos e mitos".

O terceiro artigo do Volume Especial aborda uma questão contemporânea e revela novas formas de relação entre museus e coleções, focando na inserção da produção dos artistas indígenas no acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP)^{3).} Em "A inserção das artes indígenas no MASP: marcos históricos e reconfigurações", Ilana Goldstein e Vitória Oliveira Machado destacam o papel do museu, uma fundação privada, na reconfiguração de suas práticas curatoriais ao integrar as artes indígenas em suas exposições. O texto examina a trajetória dessa inclusão, que atravessa desde a reabilitação dos icônicos cavaletes de vidro de Lina Bo Bardi em 2015 até a curadoria de mostras temáticas, como "Histórias Indígenas" (2023). As autoras exploram como o MASP tem promovido o diálogo entre obras indígenas e outras tradições artísticas, como as renascentistas e modernistas, a partir da curadoria de seus acervos.

Os artigos que compõem a segunda parte do Volume Especial examinam práticas de alguns dos artistas contemporâneos brasileiros, com foco em suas relações com as instituições e em seus posicionamentos diante dos espectadores. O artigo que abre esta segunda seção, de autoria de Glaucia Villas Bôas, aborda as trajetórias de Ernesto Neto e Adriana Varejão, dois artistas que despontaram na década de 1980 no Rio de Janeiro e alcançaram grande projeção no circuito mundial da arte contemporânea, sendo frequentemente exibidos em importantes museus da Europa e dos Estados Unidos^{4).} A análise destaca como os artistas foram bem-sucedidos na construção de seus projetos estéticos e, sobretudo, na comunicação eficaz de suas propostas ao público, criando obras que estabelecem uma forte conexão com os espectadores, tanto no contexto institucional quanto no mercado de arte global. Esse diálogo não se resume à busca de uma conexão estética, mas se estende à tentativa de envolver o público em discussões mais amplas, muitas vezes de natureza política. Essa politização da arte, que a autora analisa a partir dos trabalhos de Ernesto Neto e Adriana Varejão, revela um processo em que o objeto artístico se intelectualiza e ao mesmo tempo busca atingir o espectador de maneira direta. No caso de Ernesto Neto, suas obras dialogam com a defesa das culturas indígenas e a crítica às noções convencionais de natureza e cultura. Já Adriana Varejão, evoca a violência do passado colonial brasileiro, ao

³⁾ O Museu de Arte de São Paulo (MASP) foi fundado em 1947 por Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados e da Tupi, como o primeiro museu brasileiro de arte moderna com uma estrutura inspirada nos modelos europeus e norte-americanos. O MASP integrou-se à rede de museus e bienais de arte moderna que se consolidou no Brasil no período pós-Segunda Guerra Mundial, entre 1947 e 1952. Seu financiamento foi exclusivamente sustentado pela burguesia local, refletindo o apoio da elite paulistana ao desenvolvimento das artes e cultura no país.

⁴⁾ No livro *Les stars de l'art contemporain* (2012), Alain Quemin analisa a projeção dos artistas contemporâneos no cenário global, com foco na presença de suas obras em coleções e exposições dos grandes museus. Entre os 100 artistas de maior destaque internacional até 2012, apenas quatro brasileiros figuram na lista: Vik Muniz, Beatriz Milhazes, Adriana Varejão e Ernesto Neto

mesmo tempo em que estabelece conexões com os movimentos identitários e a luta contra o racismo. Nessa perspectiva, Glaucia Villas Bôas sugere que a arte contemporânea desses dois artistas não se preocupa mais em fantasiar um futuro ou mobilizar as sensibilidades do espectador. A proposta agora é envolver esse espectador em uma visão política da arte, evidenciando uma possível superação do caráter autônomo da arte.

Por fim, Fernanda Pequeno, em seu artigo “Mulheres artistas e espaço público: poéticas de enfrentamento da cidade”, analisa o trabalho de três mulheres artistas brasileiras – Lygia Pape (1927–2004), Anna Bella Geiger (n. 1933) e Lívia Flores (n. 1959) – que enfrentam criticamente os espaços públicos da cidade, propondo uma reflexão sobre a ocupação da urbe, a partir de suas poéticas de resistência. Juntas, essas artistas constroem diálogos potentes com o espectador ao confrontarem e reconfigurarem a cidade, propondo novas maneiras de habitar e pensar os espaços públicos. As três artistas, por meio de suas poéticas de enfrentamento da cidade, constroem uma forma de diálogo com o público de acordo com as atuais dinâmicas da arte contemporânea.

Esta seção do Volume Especial apresenta assim duas gerações de artistas contemporâneos, evidenciando a evolução na relação com o espectador. Nos trabalhos de Lygia Pape, por exemplo, o diálogo com o público ainda carrega a influência de princípios estéticos vanguardistas, que muitas vezes buscavam sensibilizar o espectador para incorporar valores ligados à alta cultura. No entanto, essa abordagem, ao recusar o repertório popular e manter uma discussão mais voltada às vanguardas, acabava por distanciar esses artistas de um público mais amplo. A geração de artistas que surge a partir da década de 1980 estabelece um diálogo mais eficiente com o espectador, rompendo com um resquício de elitismo que marcou a geração anterior, aproximando a arte do cotidiano e promovendo uma interação mais direta com o público.

Assim, os artigos aqui apresentados, expandem debates sobre a história da arte no Brasil e tensionam narrativas consolidadas que muitas vezes reduzem a explicação sociológica a processos sistêmicos desencarnados da vida social em que se ancoram. Por um lado, a minuciosa pesquisa de Maraliz Christo inscreve o colecionamento privado numa teia de relações que permite entender os nexos de continuidade e ruptura entre Império e República. Por outro lado, o trabalho de Maria Izabel Branco Ribeiro sobre a coleção Spanudis lança luz sobre discursos dissonantes do segundo modernismo brasileiro, mostrando a diversidade que compunha um cenário muitas vezes reduzido ao rótulo da abstração geométrica no país. Os dois trabalhos combinam uma análise fina do colecionismo particular e permitem compreender que processos ampliados se encarnam em relações concretas e disputas de projetos entre os indivíduos que são seus portadores.

Os trabalhos de Glaucia Villas Bôas, Fernanda Pequeno, Ilana Goldstein e Vitória Oliveira Machado apresentam perspectivas distintas sobre as relações entre arte e política. Do enfrentamento da cidade, às relações com os novos movimentos sociais e com debates decoloniais, os três artigos mostram as tensões no interior da arte e suas relações com embates ampliados na sociedade brasileira. Esbarrando em questões centrais para a arte contemporânea, as pesquisas apresentam importante material para uma compreensão dos limites da autonomia da arte contemporânea. Esta primeira seção do Volume Especial *Debates entre sociologia e história da arte – América do Sul em perspectiva* reúne, portanto, contribuições fundamentais para trazer à luz novas perspectivas da relação entre História e Sociologia da Arte e se coloca como preâmbulo às reflexões sobre as relações entre o país e outras experiências na América do Sul. Boa leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Araújo, E. F. & Sant'Anna, S. P. (2023). Arte Abstrata na América do Sul: Projetos de modernidade e circulação de ideias a partir de uma análise sociológica. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 11, 152-177.
- Bueno, M. L.(2020). Coleções e arquivos como agentes da mundialização. O caso da arte brasileira nas coleções latino-americanas nos Estados Unidos/ Collections and archives as agent of globalization. The case of brazilian art in latin-american collections in the United State. In M. A. Bulhões, B. Fetter & N. V. Rosa (Org.). *Arte além da arte: Segundo simpósio internacional de relações sistêmicas da arte*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, SESC, SP.
- Bueno, M. L.(2021). *Arte e cultura na modernidade-mundo: sociologia da cultura e da arte* (ensaios). Editora da UFJF.
- Canclini, N. G. (1998). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Edusp.
- Connell, R, Pearse, R, Collyer, F, Maia, J, & Morrell, R. (2018). Re-making the global economy of knowledge: do new fields of research change the structure of North-South relations? *British Journal of Sociology*, 69(3), 738-757.
- Feres Jr, J. (2023). *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos: da linguagem comum ao discurso das ciências sociais*. Ed. Contracorrente.
- García, M. A. (2011). *El arte abstracto: intercambios culturales entre Argentina y Brasil*. Siglo Veintiuno Editores.
- Huyssen, A. (2014). Geografias do modernismo em um mundo globalizante. In: *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Contraponto.
- Ortiz, R. (1994). *Mundialização e Cultura*. Brasiliense.
- Quemin, A. (2013). *Les stars de l'art contemporain. Notoriété et consécration artistiques dans les arts visuels*. CNRS Éditions.
- Ribeiro Vasconcelos, M. (2018). *O exílio de Mário Pedrosa nos Estados Unidos e os New York Intellectuals: abstracionismo na barbárie*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2018.
- Sant'Anna, S. P. (2011). *Construindo a memória do futuro: uma análise da fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*. Editora da FGV.

Maria Lúcia Bueno. É pesquisadora do CPNq e Professora Associada do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora e de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora, S/n - São Pedro, Juiz de Fora - MG, 36036-900, Brasil. Email: marialucia.bueno@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7594-5672.

Marcelo Ribeiro Vasconcelos. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora; Doutor em sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora, S/n - São Pedro, Juiz de Fora - MG, 36036-900, Brasil. Email: ribeirovasconcelos.m@gmail.com. ORCID: /0000-0001-7817-9694.

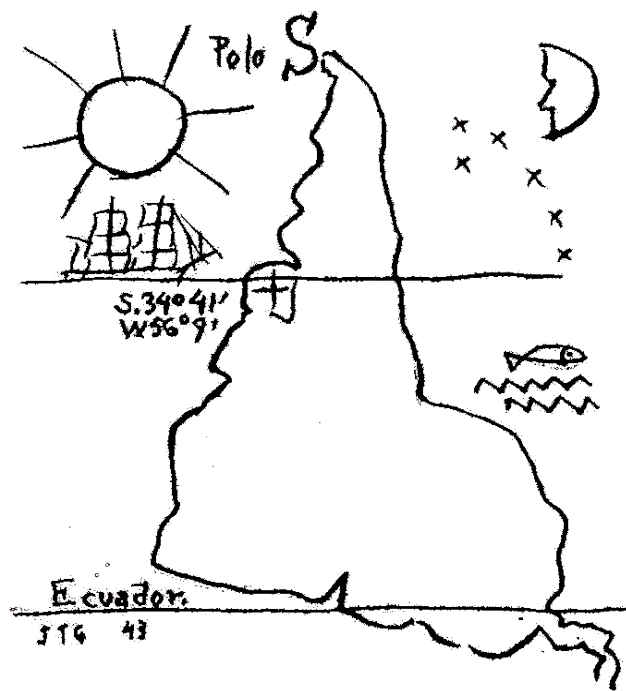
Sabrina Parracho Sant'Anna. Pesquisadora do CPNq e Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Ufrjr, Seropédica - RJ, 23890-000, Brasil. Email: saparracho@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1726-2018.

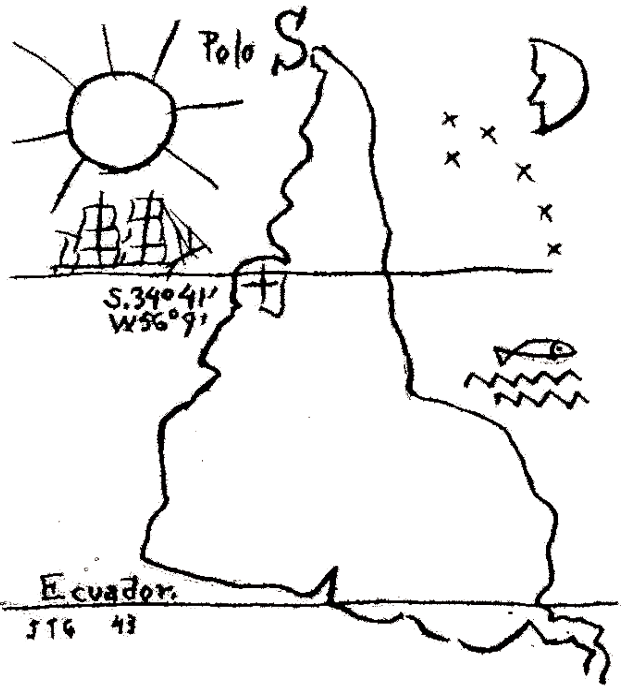
Receção: 04-09-2024

Aprovação: 10-01-2025

Citação:

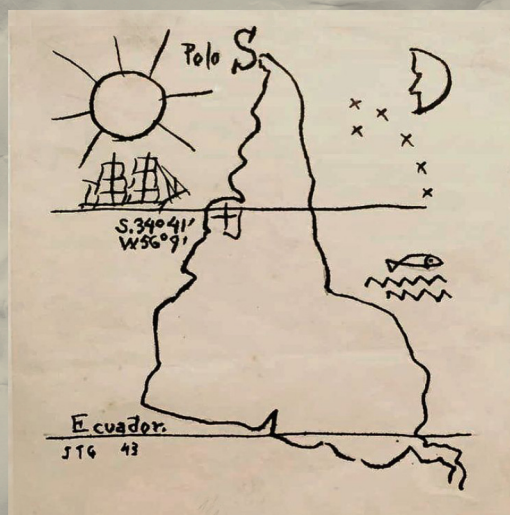
Bueno, M. L., Vasconcelos, M. R. & Sant'Anna, S. P. (2024). Debates entre sociologia e história da arte - América do Sul e Brasil em perspectiva. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 7(3) Volume Especial, pp. 2-10 ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tavespn3a1>





Debates entre Sociologia e História da Arte

América do Sul e Brasil em perspectiva



Organização

Maria Lúcia Bueno
Marcelo Ribeiro Vasconcelos
Sabrina Parracho Sant'Anna